



CIDADE DE DRAGUIGNAN.

O departamento do Var, cuja capital é Draguignan, forma o angulo sueste da França, confrontando com o Piemonte e o Mediterraneo. A sua importancia é muito maior do que poderia suppor-se pela sua classificação official na orlem das prefeituras; é o mais extenso dos departamentos formados da antiga Provença, não tendo menos de 368 leguas geographicas quadradas de superficie, e a sua população eleva-se a 330:000 habitantes.

A cidade de Draguignan, *Dracenum* dos romanos, deveu á sua posição o rendoso privilegio de ser cabeça e centro da administração deste interessante e vasto districto do territorio francez. Na epocha do estabelecimento das prefeituras apenas contava sete mil habitantes, tinha edificios acanhados, ruas tortuosas e más calçadas, e carecia de illuminação e de outras commodidades; de então para cá tudo mudou de face em seu proveito; edificaram-se casas nobres para os tribunaes, bons quartéis, um espaçoso hospital muito bem situado, bello theatro, e fizeram-se, além disso, praças publicas, agradaveis passeios, um horto botânico bem mantido, chafarizes e outras fontes publicas com ornatos de bom gosto, e uma biblioteca de quinze mil volumes com sua collecção de quadros e gabinete numismatico. O commercio local e o de escala e deposito tem consideravelmente

augmentado. Os principaes generos consistem em azeite e vinhos, e a industria principal em sabão muito estimado e licores espirituosos.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

I

PARA SERVIR DE PROLOGO

-(Continuação.)

As chronicas monasticas são um auxilio para a historia das artes, porque ellas nos descrevem as suas construcções e os seus templos com o requintado gosto de quem se está revendo n'uma obra que levou a cabo, não deixando de lhe examinar o mais pequenino detalhe, nem escapar-lhe a mais infima particularidade. A localidade do marmore alli cinzelado, a qualidade da madeira n'aquella obra afeiçoada, a

dimensão das columnas, a variedade do ornato, a extensão do edificio, a medida das suas rasgadas janellas; sua arcada, suas capellas, suas officinas seus quadros, seus auctores, e esculptores e pintores, seus architectos; tudo em fim ahi vem narrado com tal arte, com tamanha elegancia, com tanta singelozza e verdade que o espirito se arrebatava e maravilha, e o estudo se aprofunda em muita cousa que ignorava.

Se não fossem estas chronicas como haviam saber aquelles que nos hão de succeder, a magnificencia d'esse noviciado da Companhia de Jesus, que depois se transformou em Collegio dos Nobres, e Escola Polytechnica, e que um incendio acaba de devorar em os nossos dias? Como haviamos conhecer a sumptuosidade d'esse templo que o Collegio de Santo Antão (oje Hospital de S. José) ahi tinha, e que o desastroso terramoto de 1755 derrobou, quasi um seculo depois de construido? Os olhos unicamente podem admirar-lhe hoje parte do seu magnifico prospecto e esse mesmo agora se va adulterando com as novas janellas que lhe estão rasgando para prolongar a meia altura da antiga igreja uma das salas da contadoria do Hospital. Lá se irão de certo esses restos que ainda existem da sua formosissima abobada; seus marmetes serao aproveitados sobre Deus onde, e como; e dentro em pouco aquellas paredes desgarnecidas não nos fallarão nem de Estremoz, nem de outros pontos d'onde aquellas pedras para alli se carreteavam com tamanho custo. E se não foram uns restos do fecho da sua magestosa capella-mór, recitados e conservados por mão piedosa (se não foi pressa na obra, ou economia no dispendio em os derrocar) na casa que serve aos Irmãos maiores do mesmo Hospital, dentro em pouco nem poderiamos avaliar pelo exame ocular d'essas sagradas ruinas a verdade da descripção que as chronicas nos fazem da sua sumptuosidade. Ainda ha poucos dias alli vimos barbaramente destruir um excellente mausoleo que se conservava logo á entrada d'aquelle arruinado templo, e sem se consultar a familia a quem elle pertencia, indicada pelo brazão de armas que assentava sobre esse tumulo (a qual desejaría de certo piedosamente trasladar para sagrado aquellas venerandas cinzas dos seus antepassados, com o moimento em que repousavam), fez-se voar em lascas aquelle elegante lavor sepulchral profanando assim a santidade do tumulo. Parece incrível, mas infelizmente é uma verdade. Ide a essa outra arruinada igreja do convento dos Marianos, as Janellas Verdes, e pedi a um homem, que alli guarda as chaves d'aquelle transformado deposito de velame, que vos franqueie as portas d'esse templo; onde não ha muitos annos ainda resoavam os hymnos a Deus. Entrae, e no meio d'aquelles destroços em que vertis as suas capellas, os seus palpitos, a sua nave, reparae nas sepulturas indicadas pela lapida tumular, e tremei de saber que ainda debaixo d'ellas existem soterrados ossos humanos no meio d'aquella profanação; reparae na capella do lado da epistola, e ahi vereis enervados nas duas paredes fronteiras dous tumulos de nobres senhores que foram os fundadores d'ella. Repousam alli ha seculos, e quando hoje deviam já d'alli estar remyidos ainda li se conservam tendo em vez dos responsos e suffragios, as juras e as pragas que os operarijs alli soltam! E chamam-nos civilizados!...

Mas continuemos em o nosso assumpto.

E das nossas colonias ultramarinas; das nossas conquistas, das nossas guerras d'além mar, dos nossos feitos, e até mesmo dos feitos alheios, quantos factos não temos espalhados por ellas aqui e alli,

lão preciosos, e de tanta valia para quem as quizer estudar a fundo? Falla-se n'estas chronicas no comprador de uma capella, no instituidor de uma missa, n'uma offerenda votiva, no enterramento de uma pessoa, e ahi vem logo a pello a historia d'essa pessoa lá n'essas terras longiquas onde ganhou seus cabedaes, e as terras por onde peregrinou e os riscos dos mares que correu; finalmente até mesmo suas filiações e parentescos!

Era porque os chronistas d'estas ordens, escolhidos sempre d'entre os frades e monges de mais saber, se dedicavam com esmero á escripta d'aquella historia da sua familia religiosa. Vejam de que peso não era aquelle nesso fr. Luiz de Sousa, o sabio e correcto chronista dominicano! Vejam que auctoridade não tem aquelles rclatorios das missões que os padres da Companhia enviavam da Africa, da Asia e da America, de todas as partes do mundo conhecido ás casas professas cabeças da referida ordem! Vejam a grande somma de grandes escriptores, d'esses de pulso na valentia do estylo, e de mimo na linguagem vernacula, que se crearam nos mosteiros, e foram e serao os nossos mestres! Os monges tinham o tempo de investigar e instruir-se, tempo que nos falta hoje a nós homens do seculo; porque no remanso do claustro, longe do bulicio do mundo em que nos é mister involver para vivermos, ahi encontravam elles o necessario á existencia do dia presente sem curar do seguinte que a comunidade lhes proveria a elles, sem se desviarem no pensamento do bem estar da familia, porque essa se resumia n'elle, que a outra que tivera lhe morrerá ao entrar na vida asctica. O monge tinha alli á mão todos os elementos necessarios á sua obra, colleccionados com esmero pelos irmãos seus antecessores, elementos valiosissimos nos proprios documentos do cartorio do convento, elementos precicissimos nos bons livros de que se compunham as suas livrarias; e nós hoje, se não tivermos uma fortuna de fortes cabedaes para adquirir esses mesmos livros, em que não pouco se consomme, temos de recorrer á bibliotheca publica para carretear para o nosso gabinete a somma de conhecimentos de que carecemos para levar por diante a traça do nosso projecto; e ainda mesmo assim esses conhecimentos são imperfeitos, ou porque a pressa nos exige uma brevidade que muitas vezes não comporta ao assumpto, ou porque a obscuridade do texto nos força a ir procurar aos documentos originaes da corôa a illucidação que falta n'aquelles, e por isso nos leva a um passeio de quarto de legua para buscar no archivo da Torre do Tombo esses documentos; ou finalmente porque os misteres da vida nos obstem muitos dias de recorrer a esses preciosos archivos da sciencia humana, porque um regimen civil, mal calculado de certo, nos os tem fechados nas horas que os mesmos misteres nos derriam livres. Assim é que o empregado, que o artista, que todo o homem em fim que tem de conummit o dia no rude trabalho de prover á existencia, e que arde em desejos de se instruir nas primas horas da noite que podia consagrar a esse estudo, se encontra por uma lei forçada da nossa organização social atremessado, mesmo apezar seu, aos hotequins, ao theatro, aos divertimentos, e sabe Deus a que mais, porque as portas do templo da sciencia impiamente lhe estão cerradas!

Além d'isto, o monge, completada a sua obra, tinha para incentivo de outra nova, o grande meio da publicidade, porque o convento ou o estado, dando-se reciprocamente as mãos, lh'a faziam imprimir;

nós, aquelles que a sorte destinou hoje ao triste fardio de applicarmos o fructo do nosso engenho a essa lei inexoravel da natureza que nos devora n'esse golfo profundo das necessidades da vida quanto podemos ganhar, ahi corremos de porta em porta levando n'uma das mãos o nosso manuscrito, que nos custou tantas fadigas, tantas vigílias, tamanhos apertos do coração, e até mesmo tão ingentes privações para o podermos concluir, e esmolando com a outra a mesquinha retribuição que nos dão por elle, e que muitas vezes até faz córar de pejo ao receber a pela insignificancia em que se calculam n'esta terra os productos intellectuaes! Ah que a mythologia grega fingiu todos aquelles inexoraveis tormentos de Sisypho, de Tantalos, de Ixion, de Tithio, de Phlegyas, e até mesmo o das Danaides para retratar ao vivo os differentes quadros da mesquinha vida dos nossos homens de letras!

Olhae; olhae ahi para um mancebo tão cheio de esperanças ainda, de tamanho nome e tão grande vulto já no orbe litterario — historiador, publicista, poeta e romancista — o nosso amigo Mendes Leal, e vede-o vergado um dia inteiro sobre os seus livros, e sobre aquella meza em que lança ao papel as suas mimosas e já tão celebres lucubrações, dobrando a fadiga e a doença do corpo á inexaurivel fecundidade do seu espirito, para colher do trabalho os meios de uma honesta subsistencia! — trabalho que n'outro paiz lhe produziria mais do que as necessarias commodidades, e que em Portugal nem ainda lhe orça pelo indispensavel! Vede outro mancebo, o sr. Rebello da Silva, também publicista, historiador, romancista, e philologo profundo, cujo actividade prodigiosa não desmerece o subido do engenho, e perguntae-lhe se, não fóra a modesta fortuna que herdara de seus paes, acaso o producto dos seus escriptos lhe chegara para as despesas quotidianas! E estes são os principes da nossa litteratura! Que acontecerá connosco que ainda não tivemos engenho de sair d'este labyrintho de travessas e viellas em que necessariamente se embrenham os que começam a aspirar a um modesto nome entre os homens de letras? Nem queremos pensar n'isto.

Ahi fica portanto explicada a causa por que dos conventos saíram tao boas obras, e n'elles se formaram o maior numero dos nossos bons escriptores; ahi está por que os seus manuscritos tao valtosos e tao estimados, recolhidos hoje á bibliotheca publica, são tao avidamente compulsados pelos nossos archeologos; ahi está por que ao correr da pena demonstrámos a necessidade d'este trabalho a que vamos metter homibros.

Pareceremos a alguém suspeitos de apologismo fradesco. Também pouco se nos dará d'isso. Declarámos sinceramente que prezámos a instituição, e não lançámos sobre ella os desvios de alguns homens que lhe pertenciam. Entre as frades e a fradaria traçámos uma linha divisoria para tornar uns bem distinctos dos outros. Commettem a segunda bastantes abusos e bastantes desvios, que serviram para acarretar também sobre os primeiros odios e desprezos; porém esses abusos e esses desvios ficaram todos sepultados e esquecidos nas ruinas dos mosteiros que a barbaridade de um castigo, rigoroso de mais, fez desabar sobre elles; todos esses abusos e todos esses desvios estavam perdidos talvez pelo grande sommo de prozeito que o estado recolhia dos impostos que elles pagavam, do grande numero de braços que empregavam na agricultura e nas suas officinas, pelo esmero com que conservavam os monumentos das

nossas glorias patrias pela charidade com que esmolavam os pobres que diariamente acorriam ás suas portarias, e soccorriam as familias necessitadas, a quem o rubor de uma pobreza honrada impedia saír ás ruas a estender a mão ao obolo da charidade; finalmente pela educação que a mocidade recebia gratuitamente nas aulas dos seus mosteiros; educação esmerada, e a qual não temos pejo de confessar que somos devedores do pouco que sabemos. Onde está, onde se encontra hoje tudo isto?

Tinha de ser assim, desde que se confundiu a vocação monastica, e o amor á sciencia na pacifica reclusão de um claustro, com o emprego ou estabelecimento necessario de um filho que se arremessava ao mosteiro, como se atira para qualquer outra profissão! Tinha de ser assim desde que a lueta das idéas de um novo e grandioso seculo veio encontrar-se em competencies com as idéas dos seculos passados, e as julgaram incarnadas e personificadas na instituição, quando, ao muito unicamente o estariam nos homens! Destruíram os modelos segundo os quaes pretendem hoje reconstruir a sociedade, esquecendo-se de que as religiões eram ainda mais democraticas do que as suas projectadas constituições livres; e vão buscar n'ellas o principio governativo pela eleição directa em todos os cargos; vão aprender ahi a criação das suas cidades obreiras e phansterios e casas penitenciarias; vão esquadriñar-lhe as albergarias e asylos para os pobres; vão recolher á charidade dos conventos o pensamento philantropico das sopas economicas nas occasiões de miseria publica; e é ainda as maximas das suas doutrinas e disciplinas que se pedem os preceitos da obediencia e dever que o inferior deve ao superior, e a comunidade antepõe ao ser individual! Porém a todas as idéas modernas apesar de modeladas por aquellas — mesmo pela causa da sua novidade, apparecem tao baralhadas e confundidas, que em lugar de mostrarem a excellencia que se lhes attribue, unicamente provam o profundo estudo das antezas, aperfeiçoadas pela serie consecutiva de milhares de annos, e sanctificadas pela venerabilidade de dezotto seculos. Então para que destruíram? Reformassem! As cidades futuras ainda nos hão de dar razão.

A poesia d'aquellas muitas sagradas do Bissaco acaba ha pouco de inspirar as formosissimas paginas, que o sr. B. Ilhao Pato ahi publicou na *Patria*; a poesia dos nossos mosteiros inspirou os canticos divinos da arrojada musa do sr. Alexandre Herculano. É porque um e outro ainda contemplaram nos primeiros annos da infancia aquellas venerandas matas, e os mysticos hymnos da religião — em oídos no silencio da clausura — por umas poucas de vozes graves e sonoras casadas com os sons do órgão! Quando, porém, as musas que d'aqui a uns poucos de annos têm de saltar seu vôo, faltarem as suas inspirações da infancia, e bilhas no tremulo palor de um rato da lua penetran'lo através a imponente gravidade de um claustro; quando os moços portos se não recordarem de haver atravessado o religioso e austero silencio do mesmo claustro, apenas alumiado pelo fraco clarão de uma morredoura lúterna, e ecoando-lhe ao fundo unicamente o som dos seus passos, porque outro signal de vida ahi se não sente, erguendo-lhe na fantasia — como arrojadas do pó da campá, as cinzas inanimadas d'aquelles ali sepultados; quando lhes faltarem as reminiscencias d'aquellas vozes acompanhando o órgão, d'aquelle grave som do sino chamando os frades ao coro em hora adiada da noite; o espectáculo imponente da cruz er-

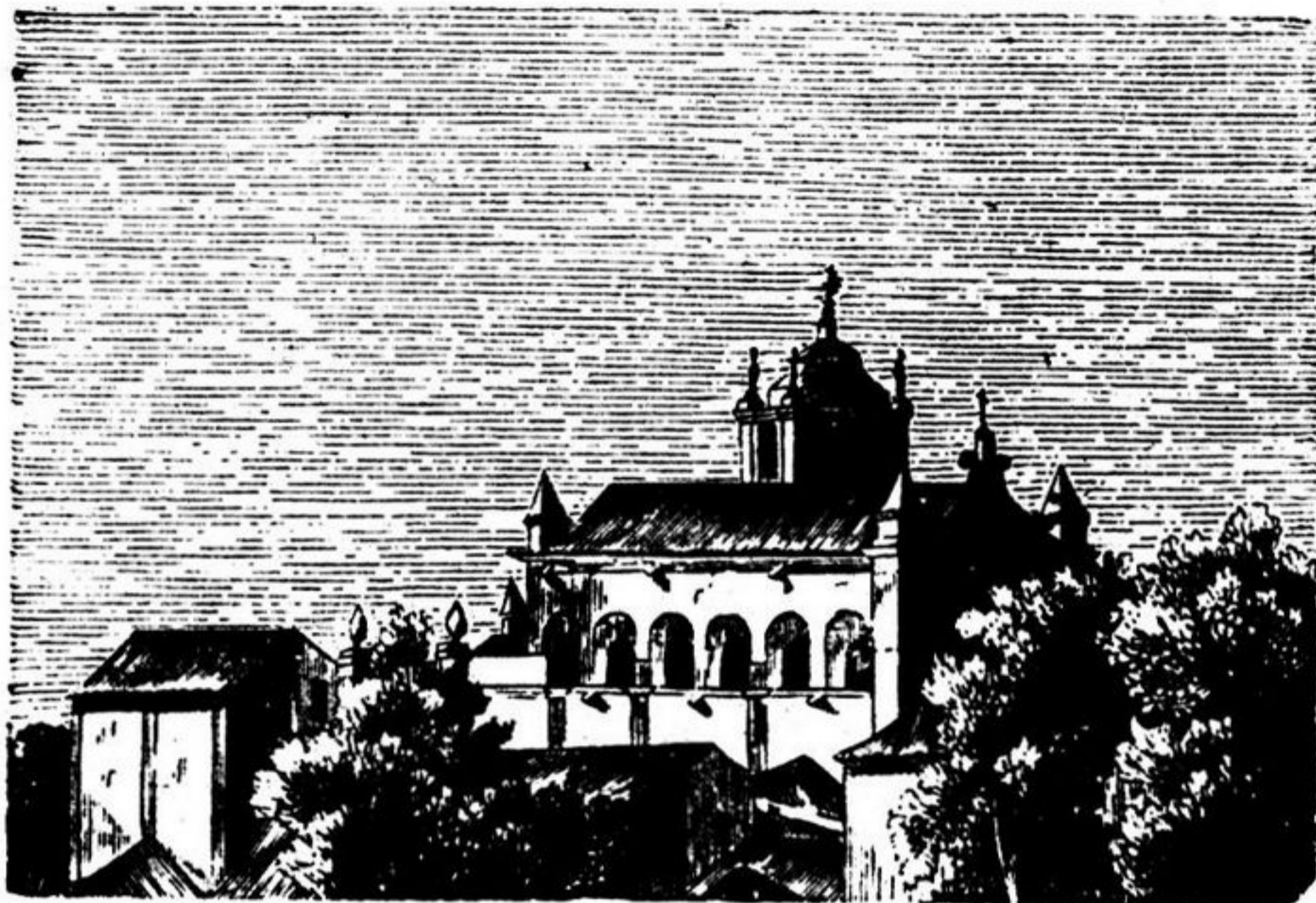
guida sobre aquellas massas de pedra; essas pyramides subindo em espiraes até ao céu como symbolo da fé e da eternidade; aquelle trajar austero dos cenobitas, que figurando a mortalha do mundo significavam o desprendimento das cousas terrestres; aquelle rude cordão cingido em volta do corpo qual victima que se sacrificava pela expiação dos crimes alheios; aquelle esteuder muribundo do macerado corpo de um frade bruno sobre a lage apenas coberta com cinza para ahí render o espirito ao Creador: onde as irao elles buscar tão mysticas e tão religiosas para se elevarem á sublimidade dos canticos de um David! Ao espectáculo da natureza? É imponente, sem duvida, e eleva a alma a Deus; porém a natureza em todas as suas funcções só nos mostra um

quadro unico — a omnipotencia do Creador; e o mosteiro e o cenobita milhares de perspectivas que se destacam do coração humano n'essa lucta gigantesca entre as ruins paixões e os bons instinctos. N'aquelle primeiro quadro unicamente as maravilhas de Deus; e n'estes segundos a sua omnipotencia e a sua magestade, e tambem a magestade do homem, rei da criação, e por elle formado á sua imagem e similhaça!

Faremos tambem aqui ponto n'esta materia, porque o assumpto já vae tratado á larga, e no decurso da obra não faltarão occasiões de lhe dar maior desenvolvimento.

(Continua)

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.



A IGREJA DO SALVADOR.

A igreja do salvador, em Beja é um templo pequeno para o actual serviço, pois ali se estabeleceu a cathedral. Comtudo a sua architectura, sem ser magestosa, tem uma tal ou qual belleza, e é devido a essa circumstancia talvez que a igreja do Salvador passa por ser um dos melhores edificios de Beja.

Pela nossa estampa, que representa essa egreja, melhor se avaliará a verdade do que dizemos.

Em outros numeros tencionamos occupar-nos mais extensamente de Beja, e d'alguns dos seus edificios

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACCONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

XII

De como veio Ambrozio de Aguiar em um galeão, e o não quiseram recolher.

Depois de Antonio Eschalin, d'ahi a mui poucos dias, chegou defronte do porto um galeão de Portugal, que diziam chamar-se S. Christovam, onde vinha Ambrozio de Aguiar, por governador para esta

ilha. Vinha tambem nelle por corregedor Jorge de Covos, os quaes, se vieram antes que fosse vindo Antonio Eschalin sem falta se entregava a ilha; mas tudo por seus peccados, e dos moradores della, se havia de ordenar para perdição sua. Ambrozio de Aguiar mandou a terra um hotel com um clerigo natural desta ilha por nome Gaspar Manuel, e um Gaspar Frz., e outras pessoas, os quaes saíram em terra, e tal viram a gente, e tão zelosos no serviço do snr. D. Antonio, que tomaram não ter vindo a terra, que se a justiça deixára o povo, sem falta os apedrejaria. E quando lhes deram licença para se tornarem para o Galeão louvaram a Deus, e taes novas deram a Ambrozio d'Aguiar, e aos mais, que o galeão não quiz ancorar, e se fôra na volta da ilha de San Miguel, aonde foram recibidos com muita festa. E por que no dito tempo era corregedor Ciprião de Figueiredo, e lhe disseram que vinha outro corregedor, e outros que vinham aletrados, foi isto tambem parte para não consentirem o Galeão, e se ancorara sem falta o dito corregedor os prendera a todos, e lhes fizera o que depois fizeram a muitos.

XIII

De algumas cousas que aconteceram na cidade e dos que prenderam por fallarem.

Vendo alguns homens o pouco conselho dos que governavam, e os desatinos do corregedor, o povo não

deixava de fallar o que importava ao caso em quererem sustentar uma ilha contra o poder d'El-rei D. Philippe, estando todo Portugal entregue. E o dito corregedor devassava delles e os prendia na cadeia, como prendeu muitos, que ao diante direi, logo o dito corregedor começou a fazer resenha com as companhias, por ser Capitão mór neste tempo. Eram capitães neste tempo da gente de pé Artur de Azevedo, João Lopes Fagundes, Manuel de Barcellos Machado, Christovam Borges da Costa. Fez-se mais uma companhia de aventureiros, mancebos solteiros da terra, de que era Gaspar de Araujo de Barros, Fentor de Sua Magestade, Capitão. Fez-se outra companhia chamada a dos oitenta jurados, de que era capitão Francisco Dias Sant'Iago. A gente nobre acudiu ao capitão-mór. As companhias que eram da cidade, e grandes, todos os dias iam ás cavas ao longo da costa do mar, a fazerem trincheiras e valados. Cada uma fa um dia, e o Corregedor com a gente nobre o dia que lhe tocava. Não havia já commercio nesta cidade, e ilha: havia navios ligeiros na barra, e os mandavam tomar ao mar os que não queriam ancorar, por causa dos mantimentos e outras cousas que a terra não dava. Os que fallavam alguma cousa contra o snr. D. Antonio, em cangas os acontavam, e enforcavam, e os nobres da terra, que estranhavam tantas desordens, os prenderam como prenderam logo dos primeiros João de Bettencourt, Pedro Ennes do Canto, Hieronimo Frz. de Cea, Rui Dias de Sampaio Custodio Vieira, Francisco das Neves, e depois muitos desterrados da terra.

XIV

De como mandaram a Antonio Alvares, e Francisco Martins a França, a saberem do snr. D. Antonio se era vindo ou não, ou estava lá, e de como veio Estevam Ferreira, e seu genro Pedro de Castro, a fazer entregar a terra.

Ordenaram de mandar a França a saber se era certo das novas que Antonio Eschalin trouxera do snr. D. Antonio, e pareceu bem aos que então governavam, e ao Corregedor, que fosse Antonio Alvares, e um Francisco Martins dos 2^o misteres, e foram em uma nau ingleza, e quando lá chegaram ainda lá não estava o snr. D. Antonio, que ainda estava escondido em Portugal. Quando Ambrozio de Aguiar saía pela barra sóra, para esta ilha, no galeão, então saiu elle em um patacho para França, esteve á falla com Ambrozio de Aguiar, sem elle saber que ia alli o snr. D. Antonio, e com elle ia Manuel da Silva, Francisco Botelho, e outros fidalgos, e pessoas nobres. E fallando em França o dito Antonio Alvares, e Francisco Martins, com o conde de Vimioso, elle lhes dice que não podiam fallar com o snr. D. Antonio, por que estava em um logar secreto, e que se viessem, e que afoitamente dicessem que o viram e fallaram com elle, e botando o habito de Santiago em nome do Snr. D. Antonio a Antonio Alvares, e o de Aviz a Francisco Martins, mister, se vieram e foram nesta cidade recebidos com grandes festas, e repiques de sinos, e artilheria, e homens leigos, mulheres, meninos, e clerigos, e frades, pareciam todos doudos com prazer, os quaes sem trazerem carta alguma do snr. D. Antonio, nem o verem, diziam que o viram e fallaram com elle, e todos lho creram, tirando muita gente que estava só divulgada para Sua Magestade.

XV

De como veio Estevam Ferreira, e Pedro de Castro, na caravella de Matheus Vicente a esta ilha, que se entregasse, e do que lhe succedeu.

Depois de estar nesta cidade Antonio Eschalin, com a sua nau ancorada, veio nova da Villa da Praia a esta cidade, que estava lá Estevam Ferreira de Mello, e Pedro de Castro, seu genro, que vinham com recado, e cartas por ordem de El-rei Philippe, para se entregar e reduzir a ilha a seu serviço, e que estando em Lisboa prezos os soltaram por elles se offercerem a fazerem entregar a ilha. Sendo nesta cidade sabedores, mandaram Antonio Eschalin com a sua nau, que fosse tomar a caravella, e a trouxesse ao porto desta cidade. Deu o dito Antonio Eschalin logo á vela com seus soldados gente franceza, e alguns portuguezes, mettidos dentro na nau, e indo a nau a caravella já vinha para o porto desta cidade, e a nau ia para ella. Cuidaram os da caravella que a nau era corsario que andava a furtar, e que não saía do porto, e lhe não quiz obedecer, antes se poz a tirar á nau e a nau a ella, dizendo-lhe que amainasse da parte d'El-rei D. Antonio, zombaram disso; mas como a nau trazia mais artilheria, e era nau de guerra, em abordando com a caravella se renderam todos. Tanto que viram gente portugueza (mas ainda houve alguns feridos) Tomaram a caravella e a trouxeram para o porto, e prenderam a Estevam Ferreira, e Pedro de Castro, seu genro, e os metteram na nau, e os molestaram, e prezos os metteram em uma caravella de Gaspar Alvares, o Chichorro, e os mandaram a França ao snr. D. Antonio. E quando lá chegaram já elle estava em França, o qual os mandou soltar e os deixou em sua liberdade, e vendo-se elles soltos se acolheram para Lisboa, e foram de todo perdoados, e lhes botaram os habitos de Christo, e Pedro de Castro morreu em chegando d'ahi a pouco tempo. E no tempo que passaram Estevam Ferreira para a nau de Antonio Eschalin, e seu genro, onde estiveram prezos alguns dias, os não trouxeram para terra, por que tal estava o povo miudo amotinado, que os apedrejariam, e por que não poderam nelles tal fazer seus intentos injuriaram as mulheres, filhos, e parentes.

(Continúa)

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX.

(Continuação.)

Nossa qualidade não podia elle consentir que andasse a seu lado um idolatra sem que procurasse exercer sobre elle o ardor de propaganda que abraza todos os sectarios de Mahomet, em qualquer grau que se achem; ardor de propaganda que se o nosso governo não tomar cuidado em oppor lhe a charidade e a intelligencia dos missionarios catholicos (que não são esses padres pretos que ás vezes ahi manda e que só vem atraz da congrua, e da *ganhunça* que podem fazer) ha de tirar-lhe esse pouco que ainda resta de immensas, magnificas e riquissimas possessões, que tem perdido por um desleixo inqualificavel, e que se confunde em seus resultados com o crime de traição. Ondotó, pela sua parte, achando no mouro algumas cousas que elle achava parecidas com certas praticas

de devoção no convento, porque a sua ignorância não lhe permitia distinguir a realidade das coisas santas com o arremedo que d'ellas se fazia no interesse do erro; ouvindo fallar n'um Deus, em Jesus, e n'outras mais cousas que tinha ouvido, á sombra d'estas accitava a missão de Maldom; e pouco a pouco ia-se tornando um neophito mahometano, que não era mais entendido que o mestre.

Era uma nova camada de erros que elle sobrepuñha á que já tinha; mas que dava em resultado um grande mal. N'esta diversidade de religiões não tencortinava Ondotó cousa alguma; mas nos insultos nas injurias que o mahometano não cessava de dirigir aos frades, e á religião catholica, na demonstração que lhe fazia dos erros do fetichismo, combinado com o que elle tinha visto em Valerio, com o que sabia de Pimping e com o que viu a Bokari, o nosso papel achou que isto de religião bem podia ser que fosse uma cousa van e inutil: e veiu assim a cair por excesso de bruteza no mesmo defeito que alardeam muitos portuguezes e estrangeiros que aqui vem, e que suppõe que lhes deve ser attribuido aos seus conhecimentos, á sua philosophia. Se a causa da irreligião d'estes é a que inculcam devo ser levado a concluir que mais uma vez os extremos se tocam.

A estas considerações do meu interlocutor, retorqui-lhe: — Engana-se: esses impios que ahí apparecem, não fazem differença alguma de Ondotó, senão a que elle faria de si mesmo estando vestido á Européa, e fallando uma outra lingua, que não esse dialecto grosseiro e desengraçado que se chama papel. Ainda não conheci homem nenhum d'estes que tratam a religião de resto, que injuriam os seus ministros, e que escarnecem de suas praticas, que não fosse um malvado, ou um miseravel, ou um dissoluto: alguma excepção que possa haver a esta regra é tao rara, que bem se póte considerar como se não existisse.

— Convenho n'isso facilmente. Misturando á minha historia. Bokari ficou cheio de contentamento quando viu que Ondotó estava já quasi tao bom mahometano como elle. Nós vimos que a casa tao era muito custosa. Quando o viu nesse estado, co'negocia a apalpar o sobre o moleto com o pensava dos Portuguezes. Ondotó não nos aborrecia, mas tambem não tinha por nós aquella affeição que teria reservado, e com elle a sua nação, se os frades tivessem continuado a residir em Bessau, se continuassem a servir de medianeiros entre os papéis e o governador e os negociantes, como tinham feito nos passados tempos, em que este povo amava o nosso dominio; e finalmente se podessem ter concluido a obra da sua civilisação que com tao bons auspicios comecaram, e que com tantos e tao esperançosos fructos proseguia: as suas sympathias por nós eram fracas, mas tinha sympathias, e nisto não se parecia com os seus patrios que trocaram por odio, talvez diga melhor por desprezo, o respeito e o amor que d'antes nos conservavam.

E' contudo, estes sentimentos, só por isso que não eram os d'um malevolencia systematica e feroz, não agradavam ao puritanismo do mandinga moiro que não perdia occasião de combatel-os, e de os substituir por outros mais em harmonia com os seus pessoaes rancores politicos e religiosos: para isso não cessava d'escarnecer de nossa traqueza, mas ainda de nossa tucucia e desleixo: ou como elle lhe chamava *modiali fitanin* (maldade) não perdia occasião de lhe pôr debaixo dos olhos o quadro, sem duvida

exaggerado, mas infelizmente verdadeira das violencias e extorsões a que elle e seus compatriotas estavam sem cessar expostos da parte das autoridades portuguezas, que por outro lado não os protegiam dos vexames que os estrangeiros lhes causavam. Perguntava-lhe outras vezes que benéficos fazia Portugal a Bissau; como cumpria as condições por effeito das quaes se lhe permitiu construir a Fortaleza, e que para lhe ser mais facil cumprir se lhe vendia aquelle chão; e Ondotó não sabia o que havia responder, porque a decahecia, o abandono em que tudo se achava eram mais que muito evidentes para que tentasse justificar-os, e muito menos pol-os em duvida.

Outras vezes o homem do discipulo do alcorão expunha a Ondotó a somma de beneficios que a sua ilha receberia, se com a nova religião que lhe tinha anunciado, os papéis procurassem um outro protector no poderoso monarcha, que era n'aquellas paragens o delegado de Mahomet; e fazendo-lhe sentir que lhes não seria difficil sacudir o jugo portuguez, apressando-se da praça por surpresa, fazia-lhe de vez em quando surgir na imaginação as ideas de proprio engrandecimento e de vingança, que com quanto fossem muito passageiras, á força de as evocar chegou a conseguir que se demorassem e creassem raizes, que o pensamento as abraçasse e desenvolvesse, que a vontade suspirasse pelo momento de se realisarem, e que o amor da vingança chegasse a sorrir-se com a lembrança de que bem podia que um dia, não bem longe, chegasse a satisfazer-se dos agravos que padecia. Uma cousa só retinha o papel: expulsos os portuguezes quem havia de manter alli o commercio, que já era uma necessidade para os papéis? qualquer das outras nações europeas que alli mercadejava era peor que elles; e o *Faram-bá* (grande rei), não sabia quem fosse.

Chegado a este estado, não foi difficil ao mandinga mostrar-lhe que limitando se os portuguezes a fazer um commercio de correagem, por conta principalmente dos inglezes, nem mais nem menos unicamente que o que faziam os mandingas, guardadas as proporções da maior somma de capitães de que os portuguezes possiam dispor, os papéis nada perdiam; e esse commercio mais avultado, mas circumscripto a um menor numero de pessoas era mais que compensado pelo maior dos mandingas que se applicavam a este trafego, e que abrangia um circulo mais extenso, o que dava em resultado uma somma quasi igual, á que os portuguezes empregavam, e que subiria a muito mais quando os mandingas podessem livremente exercer a sua industria. Isto parecia sem replica a Ondotó, que contudo ainda se não atrevia a formular em voz alta as lembranças que já o occupavam, e o faziam ás vezes meditar. A força dos habitos, e o resto de affeição pelos portuguezes que recebera na quasi infancia dos seus primeiros annos, e que estava muito apagada pelas paixões ardentes que o agiavam, e pelas lições de Pimping e de Valerio que lisonjeavam tanto e tao bem essas paixões; esse resto de affeição é que combia ainda no seu espirito, posto que frouxamente, e como quem já ia em retirada, accendo por forças muito superiores.

Neste combate passaram-se algumas semanas, em que o mandinga não perdia occasião d'expor as suas ideas, de aguar os rancores de Ondotó; e de cada vez sempre com maior exito, ou porque fosse crescendo em força a sua argumentação á proporção que via os progressos do seu discipulo, ou fosse porque a debilidade deste fosse crescendo á proporção que

iam tomando mais corpo as causas de desafeição, ou que a sua conversão para o mahometismo ia progredindo mais. Por fim, o manfinga concluiu todos os seus negócios, e tratou de recolher-se a Bissa-Amadi levando em sua companhia Ondotó, que já era senhor de mais de mil patacas, e por consequente relativamente rico; e de cuja industria o mouro tinha gostado tanto que tratava seriamente de associá-lo a si, apenas tivesse concluído a conversão que havia começado, e que tinha por grande honraria levar ao cabo.

Bissa-Amadi é uma bonita aldea, que conta mais de dous mil habitantes, quasi todos ricos, o que se conhece pelas manilhas de prata e ouro de que usam as mulheres, tanto nas pernas como nos braços, e pelas tunicas de zarte azul, que vestem assim a modo das nossas dalmaticas, sem talho enfiadas pela cabeça, e cosidas com um ponto por debaixo do braço, e com outro ponto distante palmo e meio d'este, que deiva ver por baixo uma como camiza branca sem mangas, que vai até abaixo dos joelhos, e que é de uma brancura, que contrasta soberanamente com o azevichado dos braços e pernas. Por d'baixo d'esta camisa, que é cingida na cintura por uma faixa de panno, chamado de Geba, ou por um lenço de seda, caem umas como calças bem largas, apinhadas acima do tornozello, que apparece enfeitado com aquellas manilhas; e nos pés calçam umas grossas sandalias, com uma tira de couro por uma abertura da qual se enfiam os dedos grandes do pé.

Este vestuario é o mesmo para os homens, ao menos não me lembra que os sexos se distinguam a não ser pelas arrecadas de ouro ou prata, que tras em as orelhas, as moedas do mesmo metal com que adornam a cabeça, que é coroada por um lenço posto em forma conica, e pelos collares de coral, e de massa de cravo ou de rosa com que enfeitam o pescoço, caindo-lhes sobre o seio.

Ondotó foi mui bem recebido pela familia do Gila que se apressou a offerecer-lhe *leite dormido* (azedado), e *colom*, (1) mistura de milho descascado, cozido com feijão, e peixe, *cuscus*, e tamaras. Este bello e hospitaleiro tratamento lisngrou muito o papel por ver que o tratavam d'igual para igual com o seu hospede, que pela elegancia do trato de sua casa, e pelo bom aspecto exterior da mesma, como seu arranjo interno, bem mostrava que era ali um dos homens importantes.

O hospede, as suas mulheres, e umas pretinhas mui lindas, que eram suas filhas, não cessavam d'encarecer as vantagens d'esta vida *civili ada* sobre a que os pretos do scrião passavam nos hosques, sem nenhuma d'essas comodidades, d'esse confortavel que só a riqueza sabe procurar; e sempre que o podiam fazer sem affecção, não poupavam os gabos á religião pregada pelo *profeta* de Meca — a polygamia neste mundo, e a polygamia tambem no outro, com as houris, provavelmente de chano, que Mahomet concederia aos que fossem fiéis á sua lei, eram argumentos muito fortes para um selvagem que ia sacudindo um por um todos os *prejuizos* que ao desenvolvimento de suas *pições* oppunha essa meia educação que dos frades houvera na sua infancia, e que se tinham ido apagando á porporção que se apagavam tambem as virtudes e os bons sentimentos, que nessa educação, mesmo assim imperfeita, recebera.

Eram passados quasi seis mezes depois do assas-

sino de Pimping, e da hegira de Ondotó: é pouco mais de um mez havia que o papel estava hospede e socio de Boukari na sua propria casa, quando este entrou um dia muito contente pela porta dentro, acompanhado por um papel do reino de Antula, que trazia uma carta de Valerio escripta em caracteres mandingas, precaução de que o grumete se servira prevenido o caso de alguma interceptação, e chegou até aos quartos interiores, onde Ondotó sentado sobre um dos calcanhares se entretinha em conversação familiar, mas de proselytismo, com uma das mulheres e ambas as filhas do mouro. A presença do negro de Antula sobresaltou muito Ondotó, que não sei se gostou mais de o ver, que de pesar sentiu pela sua presença. Como quer que seja, mostrou-se muito contente, fez-lhe um acolhimento muito cordial, e encheu-o de perguntas, mas nenhuma a respeito de Kiangi, circumstancia que não escapou ao esperto mensageiro, que tambem lhe não fallou nella.

As outras perguntas deu-lhe as respostas mais tristes possivel; ou fosse porque suppozesse que dizia a verdade, ou porque lhe tivessem ensinado o recado, como se costuma fazer com aquelles jornalistas que domesticaram os seus furores diante d'uma boa dose de influencia nos negocios publicos, que se não compra muito cara quando em troco della se dá cousa de tão baixa valia — uma consciencia venal, que hontem esteve ao serviço das facções, e hoje ao do poder. Qualquer que fosse a razão das respostas, ellas affligiram Ondotó que deixou ver em si uma grande agitação, que tanto se podia suppor que era effeito d'uma intensa dor, que debalde se queria dissimular, como de uma raiva concentrada, que pôde fazer explosão quando menos se espera.

Boukari abriu a carta: ella representava na parte interior um triangulo, pelo modo porque estavam dobradas uma sobre a outra as duas extremidades do papel escripto; a parte exterior servia para fechala, segundo o modo ordinario. O mandinga leu algumas cousas para si; e depois proseguiu em voz alta.

«Se ainda ahí está Ondotó, dize-lhe que não saia para nenhuma outra terra, e que muito menos venha para esta ilha. Se tal fizesse, a sua perda seria certa. Os inglezes reclamam n'ó para tirarem delle a *torna* de Pimping; e o malvado governador que quer estar bem com elles, não só lhes prometten que o entregaria se elle aqui apparecesse, mas até se offereceu, se não viesse, para mandar emissarios a diversos para saber onde estava; e que logo que o soubesse mandaria buscar o preso, se estivesse em algum dos presidios portuguezes, e no caso d'estar no paiz de algum regulo, que arranjará a sua entrega por meio de presentes.

«Quanto a esta ultima parte, se elle se deixar ficar nos territorios mandingas, sabes que não ha receio de que os inglezes lhe ponham as mãos em cima, pois não faltam os meios de desviarmos o perigo. Contudo bem sabes que o mais seguro para elle era ligar-se com os homens poderosos que dominam toda esta costa, e que mais fervorosamente o hão de proteger quando se protegerem a si mesmos na protecção que lhe concederem, o que agora não acontece, em que só por certas considerações se pôde obter que o guardem, considerações que amanhã podem mudar.

«Mas de ter conhecido que fui verdadeiro em tudo quanto disse de Ondotó — e que ainda fui mesquinho nos gabos que delle te fiz; é intelligente, bravo

(1) Chama-se nas ilhas do Cabo Verde, jagacila.

arrojado, e de muito merito. Se elle quizesse despir-se do seu meio catholicismo e meio paganismo, e podesse olhar para as cousas de alto, seria uma *boa pedra* para a obra em que nos empenhamos de *levantar templos á virtude, e cavar masmorrás ao vicio.*»

O mandinga, depois de fechar cuidadosamente esta carta, pediu com muita instancia a Ondotó que se conformasse com os avisos que n'ella se lhe davam, e que eram somente para seu bem, assegurou-lhe uma protecção efficaz para o caso de alguma tentativa da parte do governador de Bissáu; e depois retirou se para deixar tempo á carta de produzir o seu effeito.

Ondotó ficou muito lisongeadado com os elogios que Valerio lhe fazia, mas enleavam-no aquellas ultimas palavras da carta, de que não entendia a significação: confundia-se em achar explicação áquella protecção de homens poderosos capazes de o livrarem das garras do governador, e que o livrariam sempre se elle quizesse; e não atinava com o que Valerio queria dizer n'aquellas considerações que agora chamavam sobre elle a influencia benigna desses homens, e que contudo podiam de um dia para outro chamal-o para outra parte, deixando-o a elle desvalido: e não sabia se havia de alegrar-se pelo presente, ou temer o futuro; se havia de revoltar-se contra a tutella invisivel a que o submettiam, se agradecer a impunidade que lhe asseguravam.

Algumas semanas se passaram assim: o mandinga, e suas mulheres e suas filhas não despresavam a educação mourisca do selvagem; e a isto accrescia, de vez em quando, uma ou outra allusão fugitiva que o mouro deixava escapar á carta de Valerio, e á poderosa sociedade, pois bem sabia que por este meio a turbação cresceria na alma do seu discípulo.

Novas viagens commerciaes emprenheu este, mas para o interior, para o paiz dos jalofos, onde a acção de Bissáu era a bem dizer nulla; e ao mesmo tempo a tal distancia de Gambia que as garras do leopardo bretão se não poderiam empregar nas suas carnes por mais que quizesse dar pasto á sua voracidade. É desnecessario dizer que estas viagens eram de curta duração, e que Bissa-Amadi era sempre o ponto onde ellas terminavam, assim como tinha sido aquelle donde tinham começado; assim como que de cada vez dava Ondotó mais provas de seu talento commercial, que se podia verificar pelo accrescentamento das patacas, que se lhe distribuiam com uma fidelidade e exactidão exemplar no fim de cada viagem commercial. Assim correu um anno, e apoz elle alguns mezes mais.

Um dia indo ambos de viagem, chegou-se Ondotó a Boukari, e disse-lhe que tinha desejos de fazer-se musulmano; que se tinha convencido que esta religião era melhor que a sua, que tambem lhe parecia que assim ficariam mais apertados os laços de amizade que o prendiam a seu protector, amigo e socio, a quem já o ligavam os da muita gratidão. E isto era assim, mas não era tudo. Ondotó já sabia dissimular, já não dizia a Boukari que uma de suas filhas entrava com uma grande dose d'influencia maior que nenhuma das outras causas para a resolução que tomara, e que lhe tinha sido por ella ordenada, como o unico meio de obter que lh'a desse um homem, que nunca poderia querer para genro um idólatra e pagão por maior que fosse a amizade que lhe tivesse.

Boukari ficou louco de gosto com esta communição. Ha muito que se tinha apercebido de que

Coumba gostava de Ondotó, e que este não era insensivel aos attractivos da mourisca; e vendo-se velho, e sem filhos senão as duas raparigas não se lhe daria de que Ondotó quizesse casar com ella, e ficasse na casa para continuar o negocio, porque os mandingas dividem-se em castas, que hão de seguir as praticas e os officios das que os precederam nellas; mas por forma nenhuma consentiria neste casamento sem que Ondotó abraçasse a lei de Mafo-ma, tanto porque o contrario seria um crime contra ella, como porque só assim conseguiria realizar as vistas que tinha sobre o papel, tornando dependente da realisação dellas o conseguimento do ardor que este mostrava de possuir Coumba.

(Continua.)

Sousa Monteiro.

AVISO.

Assigna-se para o Panorama e Illustração em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Pena el, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo n.º 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Coarã, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manoel Gomes de Amorim.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta por conta do mesmo editor até ao n.º dos 200 exemplares em casa dos correspondentes mencionados.

Acham-se completos 7 volumes, que comprehendem a Legislação de 1633 a 1656.

Continuará sem interrupção até 1826.